

TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA E TRANSPOSIÇÃO PARADIDÁTICA

Didactic and Paradidactic Transposition (PARAPEDAGOGIA)

William Klein

RESUMO. O presente trabalho apresenta uma síntese sobre a *transposição didática* e as investigações sobre suas implicações no contexto das aulas de Conscienciologia. O autor propõe o termo *transposição paradidática* a fim de expandir a temática ao Paradigma Conscencial. Também apresenta a *pedagogia de base* e a *alfabetização conscienciológica* como importantes fatores influenciadores na qualidade da *transposição didática* e *paradidática*.

Palavras-chave: Transposição Didática, Parapedagogia.

ABSTRACT. The present article presents a synthesis on didactic transposition and investigations about its implications in the context of Conscientiology classes. The author proposes the term *paradidactic transposition* in order to expand the theme to the Consciential Paradigm. It also presents basic pedagogy and conscientiological literacy as important influencing factors in the quality of didactic and paradidactic transposition.

Key words: Didactic Transposition, Parapedagogy.

1. INTRODUÇÃO

Contextualização. Este artigo apresenta estudos, reflexões e proposições feitas pelo autor sobre a *transposição didática* no contexto do paradigma conscencial e das aulas de Conscienciologia.

Parapedagogia. O estímulo para estes estudos surgiu durante os trabalhos na condição de parapedagogo¹ atuante no Programa para Formação e Qualificação de Professores de Conscienciologia da *Reaprendentia*, instituição conscienciocêntrica dedicada ao estudo e desenvolvimento da Parapedagogia, uma especialidade da Conscienciologia.

Objetivo. O artigo foi escrito com o propósito de atingir os seguintes objetivos:

1. **Transposição didática:** esclarecer o que é a *transposição didática*;
2. **Transposição paradidática:** propor o conceito de *transposição paradidática*;
3. **Reflexões:** promover reflexões sobre os desafios da educação conscienciológica resultantes do cotejo entre as ideias essenciais da transposição didática e alguns aspectos da Parapedagogia.
4. **Qualificação:** contribuir com o desenvolvimento dos professores e professorandos interessados em qualificar suas aulas de Conscienciologia.

¹ Parapedagogo(a). O(A) Parapedagogo(a) é o educador, professor ou docente de Conscienciologia técnico em Parapedagogia (VIEIRA, 2003, p. 102).

2. HISTÓRICO E MÉTODO DA PESQUISA

CFPC. No ano de 2012 a formação docente na *Reaprendentia* foi reformulada, passando a ser ofertada no formato de um curso com 10 meses de duração denominado Curso para Formação de Professores de Conscienciologia - CFPC.

Teoria. Um dos aspectos essenciais sob a qual o CFPC foi organizado, foi o Ciclo de Qualificação de Práxis Parapedagógica, caracterizado por 5 etapas: Holoconteúdos, Transposição Didática, Interação com o Campo Energético Parapedagógico, Fazer Parapedagógico e Interassistencialidade.

Didática. Inicialmente a fase denominada *transposição didática* era chamada “didática”, caracterizando o trabalho do professor de facilitação dos conteúdos conscienciológicos.

Pesquisa. Apresentado ao conceito da *transposição didática* pela pedagoga e professora Lucia Klein, desde então este autor tem estudado o tema a fim de qualificar suas aulas e melhor orientar os professores de Conscienciologia em formação na *Reaprendentia*.

Questões. Quais as variáveis intervenientes à transposição didática no contexto das aulas de Conscienciologia? Quais reflexões úteis surgem na interação da *transposição didática* com a *docência conscienciológica* e o *paradigma consciencial*?

Pesquisa. No intuito de responder estas questões o autor vem estudando o tema de modo teórico e prático e os resultados preliminares dos estudos e reflexões são apresentados neste artigo.

Estratégia. A estratégia para o desenvolvimento das ideias no artigo é iniciar com a apresentação do conceito de transposição didática e depois explorar as diversas etapas da transposição do saber e suas correlações com a *docência conscienciológica*.

3. TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA

Verret. O termo *transposição didática* foi apresentado pela primeira vez pelo sociólogo francês Michel Verret, em sua tese de doutorado *Les temps des études* (Tempos de Estudo), publicada em 1975. Verret fez um estudo sociológico da distribuição do tempo das atividades escolares e de como os saberes fluem nesse contexto.

Divisão. Verret (1975) dividiu estes “tempos” em *tempo do conhecimento*, regulado pelo próprio objeto de estudo (conteúdos), e *tempo da didática*, definido pelas condições de transmissão desse conhecimento (aulas).

Didática. Para Verret (1975), a *prática didática* também se divide em duas: a *prática do saber* onde se encerra o tempo de aquisição do conhecimento pelo professor, e a *prática da transmissão do saber*, inserida no tempo de sua transmissão pelo professor aos alunos.

Instituições. Verret (1975) argumenta sobre as consequências advindas das formas burocráticas impostas pela instituição de ensino à transmissão do saber, em função da necessidade do saber se tornar programável e divisível em uma organização pedagógica e institucional.

Contexto. Um exemplo destas consequências está na problemática da contextualização do saber. Em sua origem, o saber é conectado e contextualizado à sua produção, com métodos e Epistemologia próprios (método científico).

Compartimentação. Para a organização da sua transmissão nos espaços e tempos pedagógicos e institucionais, o saber científico é dividido e se desconecta das suas origens autorais e de sua produção (ciência). O saber então se divide em campos especializados para o ensino.

Dessincretização. O saber agora organizado para o que Verret (1975) chama de *controle social das aprendizagens*, está desconectado de sua produção pela divisão didática operada pelas instituições de ensino. A este fenômeno de desconexão do saber de sua produção Verret denominou *dessincretização*.

Despersonalização. Outra consequência do processo de organização escolar do saber observada por Verret, foi a separação deste saber e dos sujeitos que o produziram. Ou seja, o saber simplesmente existe nos materiais didáticos (livros e apostilas) muitas vezes sem qualquer referência àqueles que o produziram. Por exemplo, na Biologia, o processo de divisão celular (mitose) é ensinado sem que os estudantes tenham qualquer ideia de quem produziu este conhecimento. A este fenômeno Verret denominou *despersonalização*.

Escolarização. Os fenômenos de *dessincretização* e *despersonalização* dos saberes são considerados naturais por Verret (1975), e de certo modo até mesmo necessários, pois os conhecimentos que não permitem ambos os fenômenos não são escolarizáveis. Por exemplo, estariam *excluídas* naturalmente as seguintes categorias de saberes (VERRET, 1975):

1. **Saberes privados:** conhecimentos esotéricos e iniciáticos;
2. **Saberes aristocráticos:** por serem exclusivos de um grupo social;
3. **Saberes totais:** estes por definição não permitem fragmentações analíticas e não são programáveis, inviabilizando, assim, as práticas de institucionalização e de avaliação;
4. **Saberes pessoais:** que não podem se desvincular dos seus agentes diretos de criação (*despersonalização*);
5. **Saberes empíricos:** naturalmente adquiridos de modo intuitivo.

Chevallard. As ideias de Verret são estruturantes para os estudos da *transposição didática*, mas foi com o francês Yves Chevallard em sua obra *La Transposition Didactique: Du Savoir Savant Au Savoir Enseigné* (Transposição Didática: Do Saber Sábido ao Saber Ensinado), que o termo *transposição didática* ganhou elaboração teórica mais profunda e maior visibilidade no meio acadêmico (CHEVALLARD, 2005).

Brasil. No Brasil ainda há poucos estudiosos e publicações sobre o tema. O buscador Google indicou aproximadamente 192.000 resultados para o termo *transposição didática*. Se filtrado para sites brasileiros, o buscador devolve apenas 134 resultados. Se filtrado *ao pé da letra*, mesmo em sites internacionais, são apresentados 139 resultados. O termo Epistemologia, por exemplo, tem aproximadamente 4.230.000 resultados (Ano-base: 2018).

Ineditismo. Logo, o termo e as consequências das ideias relacionadas à *transposição didática* podem ser considerados relativamente novas até mesmo para a ciência convencional (Ano-base: 2018).

Definição. Segundo Chevallard, a *transposição didática* é o processo de transformações adaptativas pela qual um conteúdo de saber, que tenha sido definido como saber a ensinar, sofre, a fim de torná-lo apto a ocupar um lugar entre os objetos de ensino (CHEVALLARD, 2005).

Compreensão. A próxima seção deste artigo se destina à compreensão mais profunda da *transposição didática* segundo as ideias de Chevallard.

4. CONHECIMENTOS E SABERES NA TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA

Saberes. A transposição didática trata das transformações adaptativas de um saber, conteúdo de saber ou conhecimento. Importa compreender o que é um saber, como ele pode ser transformado pelo processo educacional e quais são os agentes de transformação deste conteúdo de saber.

Apreensão. Parece ser impossível se apropriar de toda a realidade em si mesma, mas parece ser possível ter alguma representação ou imagem, tal como o observador a constrói, na medida das formas de apreensão possíveis no contexto. Conhecer é trazer para nossa consciência algo que não tínhamos até então, é abranger algo de modo a se apropriar de um ou de alguns de seus aspectos. O conhecimento é então uma conquista, uma apreensão de algo.

Conhecimento. Ao menos dois termos são fundamentais para as primeiras reflexões sobre o conhecimento: há o sujeito que conhece e o objeto a ser conhecido, algo de que se tem ou de que se quer ter ciência, enquanto passível de conhecimento. O conhecimento é o resultado possível de nossa atividade cognitiva no exercício de adquirir informações sobre qualquer objeto, inclusive nós mesmos (autoconhecimento).

Epistemologia. A Epistemologia estuda a origem do conhecimento, a função da experiência e da razão na sua gênese e a possibilidade de apreensão da realidade. A própria realidade, a natureza da verdade, da experiência e do significado são temas que se relacionam com os estudos epistemológicos.

Tipos. Nem todos conhecem ou aprendem da mesma forma, e a mesma pessoa pode conhecer “algo” de maneiras diversas. Por exemplo, abaixo, 10 tipos de conhecimentos (REALE, 2002):

01. **Conhecimento vulgar ou comum:** Adquirindo à medida que as circunstâncias o vão ditando, em geral limitado a casos isolados e cotidianos. Fornece a maior parte das noções usadas para a vida cotidiana. Não significa conhecimento errado, é conhecimento não verificado, em geral não sistematizado e não dotado de *certeza*.

Senso Comum. Por vezes o conhecimento vulgar dá origem ao *senso comum*. É um tipo de conhecimento superficial, sensitivo (percepções), subjetivo, por se tratar de vivências e experiências organizadas psicologicamente pelo próprio indivíduo, assistemático e acrítico. Desprovido de reflexão ou análise profunda pode se originar de diferentes fenômenos sociais, por exemplo, a tradição.

02. **Conhecimento Sensorial ou Sensível:** É o conhecimento obtido a partir de experiências sensitivas e fisiológicas (tato, visão, olfato, audição e paladar). É comum entre os seres humanos e os animais. Faz parte dos demais tipos de conhecimento por estar relacionado com a captação da informação seja esta sistematizada ou não.

03. **Conhecimento Religioso ou Teológico:** Adquirido a partir da fé teológica, é fruto da revelação da divindade. Baseia-se na verdade revelada, absoluta e incontestável.

04. **Conhecimento Intelectual:** Forma de obtenção ou produção de conhecimento pela elaboração de raciocínio, do pensamento lógico, próprio da razão superior. É estruturante dos conhecimentos filosóficos e científicos.

05. **Conhecimento Filosófico:** Estudo das condições últimas, dos primeiros princípios que governam a realidade natural e o mundo moral, ou compreensão crítico-sistemática do universo e da vida. A Filosofia é sempre perquirição de raízes ou indagação de pressupostos, sem partir de pressupostos particulares, mas de evidências universalmente válidas.

06. **Conhecimento Científico:** Sistema de conhecimentos metodicamente adquiridos e de validade universal, pela verificação objetiva, se possível experimental, da certeza de seus dados e resultados, sujeitos sempre a correções sucessivas.

07. **Conhecimento Declarativo:** Refere-se a coisas estáticas, paradas, como por exemplo os conceitos de uma ciência.

08. **Conhecimento procedural:** Refere-se às coisas funcionando, como os processos, as transformações das coisas.

09. **Conhecimento explícito:** É dito explícito o conhecimento formalizado em linguagem facilmente transmissível para outra pessoa.

10. **Conhecimento tácito:** Em geral advindo da repetição de determinada prática sem maior elaboração, raciocínio ou sistematização envolvidos.

Ciência. Para Chevallard (2005) a *transposição didática* trata das transformações do *saber sábio*, ou seja, o conhecimento científico ou saber obtido pelo método científico.

Tipologia. Chevallard (2005) classifica os saberes, no contexto da *transposição didática*, em 3 tipos:

1. **Saber sábio:** é o saber construído no espaço particular da comunidade científica. Esse saber científico também passa por transformações ainda antes de chegar às instituições de educação ou de qualquer intenção de educação formal. Esta transformação ocorre, pois, o saber é depurado e redigido na linguagem impessoal da **ciência para** ser publicado nos meios científicos específicos, vestindo a roupagem da ciência. Este é o saber a ser usado como referência para a educação formal.

2. **Saber a ensinar:** para o saber sábio ocupar um lugar como objeto de ensino, passa por transformações adaptativas durante a produção das obras de caráter didático, livros, manuais de ensino, programas escolares, projetos educacionais, currículos e outras segmentações disciplinares. Portanto, são os editores, os autores de livros didáticos, os especialistas das disciplinas, os professores, a opinião pública em geral, que irão demarcar de alguma maneira a transformação do saber sábio em saber a ensinar, agora alinhados a interesses educacionais específicos, inclusive sociológicos.

3. **Saber ensinado:** é resultado da adaptação do *saber sábio* para se adequar ao tempo e espaço didáticos, ou seja, com o objetivo de atender a organização dos tempos e espaços dos programas e instituições educacionais.

Externa. Chevallard chama o processo de transformação do saber sábio em saber a ensinar de *transposição didática externa*, pois se refere às transformações ocorridas fora da sala de aula ou da aula propriamente dita.

Interna. O processo de transformação do saber a ensinar em saber ensinado Chevallard denomina *transposição didática interna*, uma vez que ocorre no interior do espaço educacional.

Transformações. Chevallard (2005) expande a classificação das transformações estudadas por Verret, ou seja, a dessincretização e a despersonalização. São adicionados mais 4 fenômenos transformadores dos saberes.

Tipologia. A seguir os 6 fenômenos de transformação do saber ocorridos no contexto da transposição didática, apresentados em ordem funcional:

1. **Despersonalização:** A adaptação do saber para ocupar um espaço nos meios científicos promove uma desconexão dos aspectos e motivações pessoais do cientista (pesquisador). São suprimidos os erros, tentativas, fracassos e dificuldades enfrentados no processo. A este fenômeno Chevallard denominou *despersonalização (transposição didática externa)*.

2. **Descontextualização.** A ciência (método científico) opera uma generalização do conhecimento que desconecta o saber do seu contexto inicial de produção promovendo o descolamento do saber de uma situação específica, do problema de pesquisa que a ele deu origem, para, então, poder generalizá-lo. A este fenômeno Chevallard denominou *descontextualização (transposição didática externa)*.

3. **Dessincretização.** Ao se transformar em saber a ensinar, o saber sábio perde a ligação com o ambiente epistemológico no qual foi criado. Chevallard (2005) chama a esse processo de

dessincretização. Este saber, então, passa a ser organizado em um novo contexto epistemológico (*transposição didática externa*).

4. **Recontextualização.** Ao ser ensinado, o saber sábio, agora transformado em saber a ensinar, passa por uma recontextualização na qual não é possível reconectar todas as variáveis, questões e problemas originais no qual o elemento descontextualizado encontrava-se originalmente. Ou seja, não é possível a recontextualização integral e imparcial do saber (*transposição didática interna*).

5. **Descontemporalização.** Desconectado de sua origem e produção histórica, o saber ensinado é dito descontemporalizado, fora do tempo e espaço de sua produção (*transposição didática interna*).

6. **Naturalização.** O saber sábio passa por uma *naturalização* ao ser ensinado, ou seja, assume sentido sem maiores questionamentos ou discussão sobre o seu significado, origens ou contexto de produção. Sua nova natureza é “sempre foi assim” (*transposição didática interna*).

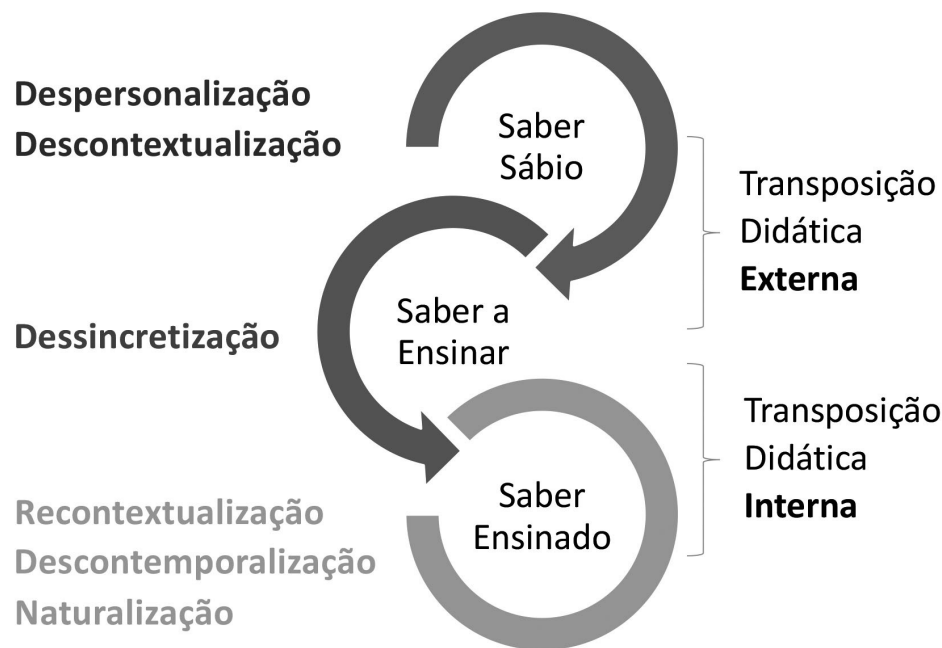


FIGURA 1 – Transformações dos saberes

Transformações. Segundo Chevallard (2005) a *transposição didática* estuda as transformações ocorridas no saber desde sua origem (saber sábio) até sua chegada às salas de aula por meio da intervenção do professor e a apreensão dos estudantes (saber ensinado).

Epistemologia. Para Chevallard (2005) esse percurso de transposição do saber não é apenas simplificação didática do saber. É necessário que a Epistemologia se ocupe da utilização e do ensino desses saberes nas instituições educacionais e não apenas da sua produção. Ou seja, defende que a Epistemologia se ocupe da dimensão da *transposição didática*.

Destaque. Considerando as implicações inerentes à Descrenciologia no fenômeno da Naturalização, a seguir são abordadas reflexões pertinentes à docência conscienciológica.

Naturalização. Ao passar pelos processos de *despersonalização*, *dessincretização* e *descontextualização*, o saber sábio é desvinculado de seu contexto epistemológico e histórico, assume

linguagem própria, a do saber a ensinar. Com nova apresentação e desvinculado de sua história científica original, o saber está em novo nicho epistemológico, no qual possui validade dogmatizada ou inquestionável (ALVES, 2000, p. 227).

Conscienciologia. Considerando a realidade transcendente da Conscienciologia, com temas parapsíquicos, parafenomênicos e de autexperimentação extrafísica, vale atentar para a possibilidade de dogmatização do saber ao final do percurso da transposição didática.

Descrenciologia. Importa observar as transformações do saber no contexto do Paradigma Conscencial e alertar, de modo profilático, aos alunos dos cursos de Conscienciologia das Instituições Conscienciocêntricas (ICs), sobre a vivência do princípio da descrença, conforme o excerto do verbete *Paracienciologia* do Dicionário de Argumentos da Conscienciologia (VIEIRA, 2012, p. 660):

As múltiplas técnicas e metodologias a serem aplicadas com adequação, pertinência, eficácia e confiabilidade no juízo auto e heterocrítico sobre a Conscienciologia, podem ser destacados o principioda descrença (PD), fundamento da Pesquisologia Conscienciológica. Ou seja, a pessoa há de desenvolver os experimentos por si mesma, diretamente, sem intermediários; e o emprego da autoparaperceptibilidade para constatar e aferir a própria multidimensionalidade consciencial.

Autopesquisologia. Vale considerar duas realidades no contexto das aulas de Conscienciologia quanto à *transposição didática* e a Epistemologia pessoal.

1. **Labcon.** A verificação dos pilares do paradigma consciencial exigem a autexperimentação generalizada de modo insubstituível, pois não há melhor forma de verificar as realidades não físicas a não ser diretamente. Todas as formas indiretas de verificação das verpons conscienciológicas são insuficientes para gerar evidência (autoevidência) das pararealidades. A Conscienciologia exige a pesquisa participativa do pesquisador de modo evolutivamente prioritário e parapsíquico.

Autexperimentação. Logo, o fenômeno da *transposição didática* ocorre de modo diferente na docência conscienciológica, pois é desejado que o professor tenha a experiência diretamente das verdades relativas de ponta (*verpons*) e contraste suas experiências pessoais com os conhecimentos paracientíficos do *corpus* de conceitos conscienciológico *Megapedagogia: autexemplificação cosmoética* (VIEIRA, 2009).

Autocientificidade. Na docência conscienciológica é natural ocorrer o desenvolvimento de uma epistemologia pessoal capaz de estabelecer as condições, métodos e estratégias para verificação da realidade de modo direto e pessoal. A experiência direta vale mais que a ciência. *Autocientificidade: melhor caminho* (VIEIRA, 2014, p. 1136).

2. **Teaticologia.** Sem a vivência direta das pararealidades e verpons conscienciológicas, o professor de Conscienciologia tende a não aprofundar os conceitos e escorregar no *achismo*, se tornar teórico, desprezando a vivência daquilo que afirma. Teoria e prática (*teática*) tem valor insubstituível no Paradigma Conscencial. A *suficiência argumentativa* nasce do estudo e da vivência direta, através das autexperimentações, de modo permanente, para a vida toda (VIEIRA, 2014, p. 85).

Taxologia. Segundo Bueno, eis 3 categorias gerais de epistemologia desenvolvidas pelas conscins, que funcionam como base para a validação do próprio conhecimento (BUENO, 2010):

1. **Epistemologia pessoal autoritária:** verdade provém de uma autoridade em determinada área do conhecimento. A experiência pessoal e a autocrítica ficam em segundo plano.

2. **Epistemologia pessoal narcisista:** critério do “*penso, logo existe, é real*”. Maior possibilidade do achismo se confundir com verdade.

3. **Epistemologia pessoal lógico-empírica:** é a forma adotada pelas ciências. O critério de verdade é a lógica e sua coerência com os fatos e parafatos.

Conclusão. Sem teática, o novo nicho epistemológico do saber a ensinar e saber ensinado pode ter validade dogmatizada ou inquestionável para o docente e para o aluno, e se tornar espaço de achismos e invencionices. Ambas condições contrárias ao princípio da descrença (PD).

5. VARIÁVEIS INTERVENIENTES NA TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA

ICs. Dentre as variáveis intervenientes na transposição didática, optou-se por apresentar e tecer breves reflexões sobre a *pedagogia de base* e a *alfabetização conscienciológica*, em função do potencial de esclarecimento sobre determinados fenômenos possíveis de ocorrer na filosofia e organização da Parapedagogia nas Instituições Conscienciocêntricas (ICs).

a. Alfabetização Conscienciológica

Neologicologia. O emprego de palavras novas, derivadas ou formadas de outras já existentes, ou a atribuição de novos sentidos a palavras já existentes na mesma língua ou não, são próprias da Neologicologia.

Neoverponologia. O corpus da Conscienciológica faz uso de novas unidades léxicas criadas nos processos de pesquisa para conceituar e definir as verdades relativas de ponta (verpons).

Alfabetização. A alfabetização é o processo no qual a conscin constrói a gramática e desenvolve a capacidade de ler, compreender e escrever textos, operar números e a capacidade de interpretar, compreender, criticar, ressignificar e produzir conhecimento. Envolve também o desenvolvimento de novas formas de compreensão e uso da linguagem.

Conscienciológica. O Dicionário de Neologismos da Conscienciológica (VIEIRA, 2014) apresenta a terminologia técnica utilizada no paradigma consciencial. Sua primeira edição, organizada por Lourdes Pinheiro, registra 14.100 termos neológicos, publicados pelo médico e lexicógrafo Waldo Vieira, propositor da Conscienciológica. Uma pessoa com nível de instrução média, tem vocabulário ativo de 1500 palavras.

Neoverponologia. O processo de apropriação e reapropriação das verpons, no qual a conscin constrói e desenvolve a capacidade de ler, compreender e escrever textos conscienciológicos, assim como, interpretar, compreender, criticar, ressignificar e produzir conhecimento conscienciológico pode ser considerado um fenômeno de *alfabetização conscienciológica*.

Definição. O *domínio cognitivo* é a posse plena, o assenhramento tranquilo, a propriedade soberana ou a dominação satisfatória da determinada linha de conhecimento seguro, profundo, teático e específico, por parte da conscin lúcida, traquejada, veterana, erudita (VIEIRA, 2012, p. 3383).

Conscienciológica. A *alfabetização conscienciológica* somada à *cultura conscienciocêntrica* teática definem a qualidade do *domínio cognitivo* da Conscienciológica pela conscin sempre-prendente.

Cursos. Em geral a *alfabetização conscienciológica* inicia e se desenvolve em boa parte nos cursos de Conscienciológica ofertados pelas ICs, especialmente os cursos de entrada. Importa ao

interessado em possuir bom domínio cognitivo da Conscienciologia, estudar com profundidade os conteúdos essenciais de Conscienciologia.

ICs. A *alfabetização conscienciológica* e a *transposição didática* são fenômenos interativos e definidores da qualidade dos processos de ensino e de aprendizagem vivenciados nas Instituições Conscienciocêntricas (ICs).

b. Pedagogia de Base

Aprendizagem. Segundo Jean-Pierre Pourtois e Huguette Desmet em sua obra *A Educação Pós-Moderna*, assim como os filhos aprendem naturalmente com os pais a serem ao mesmo tempo filhos e a serem pais, absorvendo tacitamente o modelo pedagógico de instrução paterna, os alunos aprendem naturalmente com os professores ao mesmo tempo a serem alunos e também a serem professores, absorvendo tacitamente o modelo pedagógico de instrução de seus professores (POURTOIS & DESMET, 1999, p. 207).

Estilo. Desmet & Pourtois (1999) argumentam que esta influência é determinante no estilo docente destes alunos ao se tornarem professores no futuro. Assim, os alunos tendem a ensinar do mesmo modo que aprenderam.

Identidade. O pesquisador Pierre Bourdieu explica que cada indivíduo incorpora em si próprio um modelo pedagógico vivido na infância e na adultidade, e tende a reproduzi-lo quando, por sua vez, se torna educador. Bourdieu chamou este fenômeno de identidade pedagógica.

Base. Esta identidade pedagógica inclui os valores e práticas educativas vivenciados no processo de socialização da criança e agora tornados próprios do indivíduo, formam uma *pedagogia de base*, existente de modo mais ou menos consciente.

Mesologia. Considerando as variáveis estudadas pela transposição didática, especificamente a influência das definições institucionais de conteúdo e forma do ensino, e a influência destas definições na prática do professor, é possível inferir que a *mesologia institucional*, incluindo os professores, métodos e filosofia pedagógica da instituição, contribuam para a formação desta *pedagogia de base* em seus alunos, e, deste modo, influenciem na prática deste futuro docente.

Características. A seguir, 9 exemplos de características possíveis de serem absorvidas pelos alunos e replicadas quando se tornarem docentes em sua futura trajetória educacional:

1. **Expressões linguísticas:** ganchos didáticos; macetes pedagógicos; enunciado categóricos; expressões coloquiais didáticas.
2. **Exemplos didáticos:** cases; esquemas didáticos; citações didáticas; pontos de vista; observações didáticas.
3. **Expressões corporais:** histrionismo; postura; modo de andar, modo de sentar; opinião, posicionamento.
4. **Voz:** tonalidade; intensidade; histrionismo vocal.
5. **Vestimenta:** roupas; acessórios; guarda-pó; chapéu; joias; calçados.
6. **Comportamento em sala:** posturas; posicionamentos; trejeitos.
7. **Estilo docente:** acolhedor; austero; firme; suave; amoroso; empático; rígido; flexível; debatedor; participativo.
8. **Valores pessoais:** escolhas pessoais; estilo de vida pessoal.
9. **Conteúdos:** ideias; falas; exemplos; argumentos didáticos.

CCCI. No contexto da Conscienciologia por exemplo, os métodos de ensino próprios das Instituições Conscienciocêntricas (ICs) foram apreendidos dos professores pioneiros pelos seus alunos na ocasião. Aprenderam a Conscienciologia e aprenderam como ensinar a Conscienciologia.

Formação. Os programas para formação docente têm sua própria filosofia, influências e metodologias. Neles a *pedagogia de base* existe implícita e explícita, pois os participantes dos programas têm o objetivo de se tornarem também professores, e naturalmente se espelham em seus professores durante o processo formativo. Estes professores funcionam como referências do que fazer e do que não fazer em sala de aula.

Diferenciação. Considerando a formação do professor, é possível propor uma diferenciação da *pedagogia de base* em 2 tipos: *pedagogia de base natural* e *pedagogia de base formativa*.

Natural. A *pedagogia de base natural* é aquela à qual todos os alunos vivenciam naturalmente por estarem participando de programas educacionais formais ou não formais em sua trajetória de vida.

Formativa. A *pedagogia de base formativa* é aquela à qual somente os professores em formação (professorandos) estão expostos e sofrem alguma influência.

Modificação. Certamente existem aspectos da prática docente bastante influenciados pela pedagogia de base e alguns deles possíveis e desejáveis de serem reciclados. A autocrítica no processo autoavaliativo e reflexivo do professor semperaprendente, atribuem as condições iniciais para a modificação da *pedagogia de base*.

Dialética. Para Pourtois & Desmet (1999), a modificação da pedagogia de base não ocorre por completo, mas em um movimento dialético entre a pedagogia de base e as novas estratégias docentes incorporadas pelo professor. Este processo resulta em uma pluralidade de práticas pedagógicas conscientes e inconscientes (POURTOIS & DESMET, 1999, p. 211).

Oculto. A *pedagogia de base* pode ser considerada parte do currículo oculto das instituições de ensino, ou seja, as normas, comportamentos e valores não oficiais que os estudantes aprendem nas instituições de ensino e que não são necessariamente um produto de vontade consciente.

Transposição. A *pedagogia de base* é estudada neste artigo por ser um importante fator influenciador da *transposição didática*, especialmente nos fenômenos de *recontextualização*, *descontemporização* e *naturalização*, uma vez que ocorrem no interior das instituições de educação (*transposição didática interna*).

6. ALFABETIZAÇÃO CONSCIENCIOLÓGICA E PEDAGOGIA DE BASE NA EDUCAÇÃO CONSCIENCIOLÓGICA

CI. A maior parte dos componentes atuais da CCCI fizeram seu primeiro Curso Intermissivo (CI) na última intermissão (*intermissão mudancista*), ou seja, antes de renascermos para esta vida humana.

Paradidática. No Curso Intermissivo (CI) estes alunos tiveram pela primeira vez contato com as ideias, termos e conceitos da Conscienciologia e aprenderam as neoverpons através de estratégias paradidáticas diversas.

Parapedagogia de Base. Em analogia ao conceito de *pedagogia de base*, é possível definir a *parapedagogia de base* como sendo aquela influência proveniente das inter-relações, experiências

e outras realidades vivenciadas no último Curso Intermissivo (CI). Contudo a *parapedagogia de base* é também aquela influência proveniente das experiências educacionais vivenciadas nas ICs.

Qualidade. A qualidade do Curso Intermissivo (CI) definiu a *parapedagogia de base extrafísica* do intermissivista. A qualidade das atividades educacionais vivenciadas nas ICs, definiu a *parapedagogia de base intrafísica* do intermissivista ressomado.

Cons. O mecanismo da ressoma e aquisição de um novo corpo físico estabelece o desafio da recuperação das unidades de lucidez (*cons*) próprias do Curso Intermissivo (CI). De modo geral e em boa parte, a recuperação destes cons pode ocorrer nos cursos de Conscienciologia ofertados pelas ICs.

Aprendizagem. A aprendizagem dos neoconceitos conscienciológicos e suas verdades relativas de ponta (verpons) se dá em boa parte pela “lembrança” dos aprendizados intermissivos, e também pela aquisição de neoconceitos conscienciológicos nesta vida humana.

Cultura. Este conjunto de conceitos apreendidos ou reaprendidos constitui percentual relevante da *cultura conscienciocêntrica*, ou seja, a bagagem intelectual, erudição ou o conjunto de conhecimentos, cognições, ideias, constructos, princípios, técnicas e verpons centrado na Conscienciologia, assimilado teoricamente e incorporado pragmaticamente à vivência da conscin intermissivista (v. Cultura Conscienciocêntrica, Vieira, 2014).

Transposição. A trajetória de aprendizagens contemplando as lembranças das aprendizagens do Curso Intermissivo (CI) (recuperação de cons), as neoaprendizagens nas aulas de Conscienciologia das ICs, e as transformações dos saberes nesta trajetória, são estudados pela *transposição didática* agora incluindo as temáticas próprias do paradigma consciencial.

Qualidade. As políticas educacionais, o holopensene educacional, as especialidades e a cultura estabelecida da Instituição Conscienciocêntrica (IC) na qual a conscin desenvolveu as aprendizagens dos *conceitos essenciais* da Conscienciologia (recuperação de cons ou neoaprendizagens), assim como, os programas educacionais, metodologias e estratégias de aprendizagem desta mesma IC, definem a *Parapedagogia de base* da conscin na intrafísica, e a qualidade da *transposição didática* vivenciada.

Alfabetização. Vale considerar a *alfabetização conscienciológica* na essência da apropriação dos conteúdos das coisas, manifestações, comunicações, fatos, parafatos, fenômenos, parafenômenos, realidades, pararealidades, ideias, constructos, cognições e verpons de natureza conscienciológica.

Conceito subsunçor. Segundo Ausubel (1963) a aprendizagem significativa ocorre quando a nova informação se ancora em conceitos relevantes, chamados subsunçores, preexistentes na estrutura cognitiva do aluno. Ausubel define estruturas cognitivas como estruturas hierárquicas de conceitos que são representações de experiências sensoriais do indivíduo. A ocorrência da aprendizagem significativa implica no enriquecimento e modificação do conceito subsunçor.

Facilitação. A partir de um conceito geral (já incorporado pelo aluno) o conhecimento pode ser construído de modo a ligá-lo com novos conceitos facilitando a compreensão das novas informações. Por efeito, o processo dá significado real ao conhecimento adquirido.

Subsunçor. As neorreflexões evolutivas da conscin intermissivista, inclusive as mais transcendentais, são construídas sobre conceitos e proposições já disponíveis, ao modo de âncoras conceituais. Os conteúdos essenciais da Conscienciologia, *transformados* consecutivas vezes pelas diversas etapas da *transposição didática*, apreendidos sob os contextos da *Parapedagogia de base* das ICs, constituem as âncoras conceituais essenciais da conscin intermissivista.

7. VARIÁVEIS INTERVENIENTES NA TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA

Variáveis. Eis, por exemplo, na ordem alfabética, seis grupos de variáveis intrafísicas e extrafísicas intervenientes na *transposição didática* das Instituições Conscienciocêntricas (ICs) segundo as observações deste autor:

01. **Conselhos:** os conselhos científicos (ICs); os conselhos parapedagógicos (ICs); o conselho das ICs; (listar os conselhos da UNICIN).

02. **Elencologia:** o(a) gestor(a) educacional; o(a) coordenador(a) do curso; o(a) professor(a); o(a) preceptor(a); o(a) educador(a); o(a) reeducador(a); o(a) estudante; o(a) aluno(a); o(a) semperaprendente(a); o(a) monitor(a); as equipes gestores (equipins).

03. **Metodologias:** as técnicas pedagógicas; a itinerância pedagógica; a didática; o superensino; o superaprendizado; as apostilas; os infográficos; os recursos didáticos; a tarefa do esclarecimento (tares); a prestação de serviço do momento; os recursos de comunicação; os ganchos didáticos; as estratégias didáticas; os exemplos didáticos; os esquemas didáticos; os programas didáticos; a aula de Conscienciologia; a aula teórica; a aula prática; a aula ao ar livre; os laboratórios conscienciológicos; as IC(s).

04. **Parelencologia:** A rede parassocial de amparadores de função; as equipexes afins à Parapedagogia; o aluno de Curso Intermissivo (CI); o amparador de ofiex; o amparador de tenepes; a consciex extraterrestre visitante; a dupla de consciexes; o(a) parapreceptor(a); o(a) parapedagogo(a).

05. **Políticas:** as políticas educacionais das Instituições Conscienciocêntricas (ICs).

06. **Princípio da Descrença:** a autoexperimentação; a vivência pessoal; a alfabetização conscienciológica; os estudos pessoais; a pedagogia de base; a trajetória formativa do semperaprendente; a formação docente pessoal; a paracientificidade das abordagens; a profundidade das abordagens; o autoparapsiquismo; a autoprojetabilidade lúcida (PL); a tenepes; a ofiex.

Qualificação. Considerando os fatores intervenientes acima, eis, por exemplo, na ordem alfabética, seis aspectos qualificadores da *transposição didática* na práxis parapedagógica do professor-semperaprendente de Conscienciologia:

01. **Aula.** Esforçar-se em realizar a apresentação mais fidedigna possível dos conteúdos originais da ciência nas aulas ministradas, evitando preencher lacunas com conteúdos fictícios ou mal compreendidos.

02. **Autoexperimentação.** Buscar vivenciar diretamente as verdades relativas de ponta da Conscienciologia de modo sistemático e continuado (Princípio da Descrença).

03. **Didática.** Ser criativo nas estratégias didáticas capazes de melhor esclarecer os conteúdos a serem ensinados.

04. **Generalização.** Evitar a generalização do caso pessoal explicitando as diferenças entre as aprendizagens advindas das experiências e as verpons consensuais da Conscienciologia.

05. **Instituições.** Estabelecer uma filosofia educacional completa e qualificada para as Instituições Conscienciocêntricas (ICs).

06. **Originais.** Estudar e compreender com profundidade as obras mais estruturantes da Conscienciologia.

07. **Paracienciologia.** Aderir à Paraciência a fim de desenvolver a megacognição multidimensional (Multidimensiologia).

8. TRANSPOSIÇÃO PARADIDÁTICA

Holofilosofia. Os princípios científicos do paradigma consciencial são mais complexos, pois a Filosofia Teática da Conscienciologia, ou seja, a Holofilosofia, transcende a intrafísica.

Parapedagogia. A *educação conscienciológica* é aquela educação própria do paradigma consciencial, ou seja, organizada sobre seus pilares essenciais: Princípio da Descrença (PD); Holossomática; Multiexistencialidade; Universalismo; Cosmoética; Interassistencialidade e o Laboratório Consciencial (*labcon*).

Intermissiologia. A Parapedagogia em sua essência é uma filosofia educacional com práticas aplicadas nos Cursos Intermissivos (CIs) com técnicas paradidáticas transcendentais naturais à estas parainstituições.

ICs. Na intrafísica, a Parapedagogia é a especialidade da Conscienciologia que estuda a filosofia da educação e a pedagogia utilizando recursos extrafísicos ou parapsíquicos. É a filosofia educacional aplicada nas Instituições Conscienciocêntricas (ICs).

Definição. Em seu artigo *Contrapontos entre Didática e Paradidática*, Tathiana Mota (2010, p. 490) define a Paradidática como sendo a “subdisciplina da Parapedagogia que estuda o conjunto de técnicas, métodos e abordagens cosmoéticas de ensino multidimensionais, intra, inter e extra-conscienciais, com o objetivo de potencializar a recuperação de cons e promover a reeducação consciencial”.

Reestudo. As transformações adaptativas dos saberes, estudadas pela transposição didática, podem ser estudadas e perspectivadas sob o enfoque do Paradigma Consciencial. Para isso propomos o termo *transposição paradidática*, definido a seguir.

Definição. A *transposição paradidática* é o processo de transformações adaptativas complexas do conhecimento paracientífico desde a sua concepção até sua apropriação pela consciência, considerando as variáveis intrafísicas e extrafísicas intervenientes nestas transformações.

Parepistemologia. Assim como na transposição didática, o saber a ensinar e o saber ensinado podem definir um novo nicho epistemológico, o mesmo pode ocorrer no contexto da transposição paradidática, porém agora, sujeito às variáveis parapsíquicas da Parepistemologia.

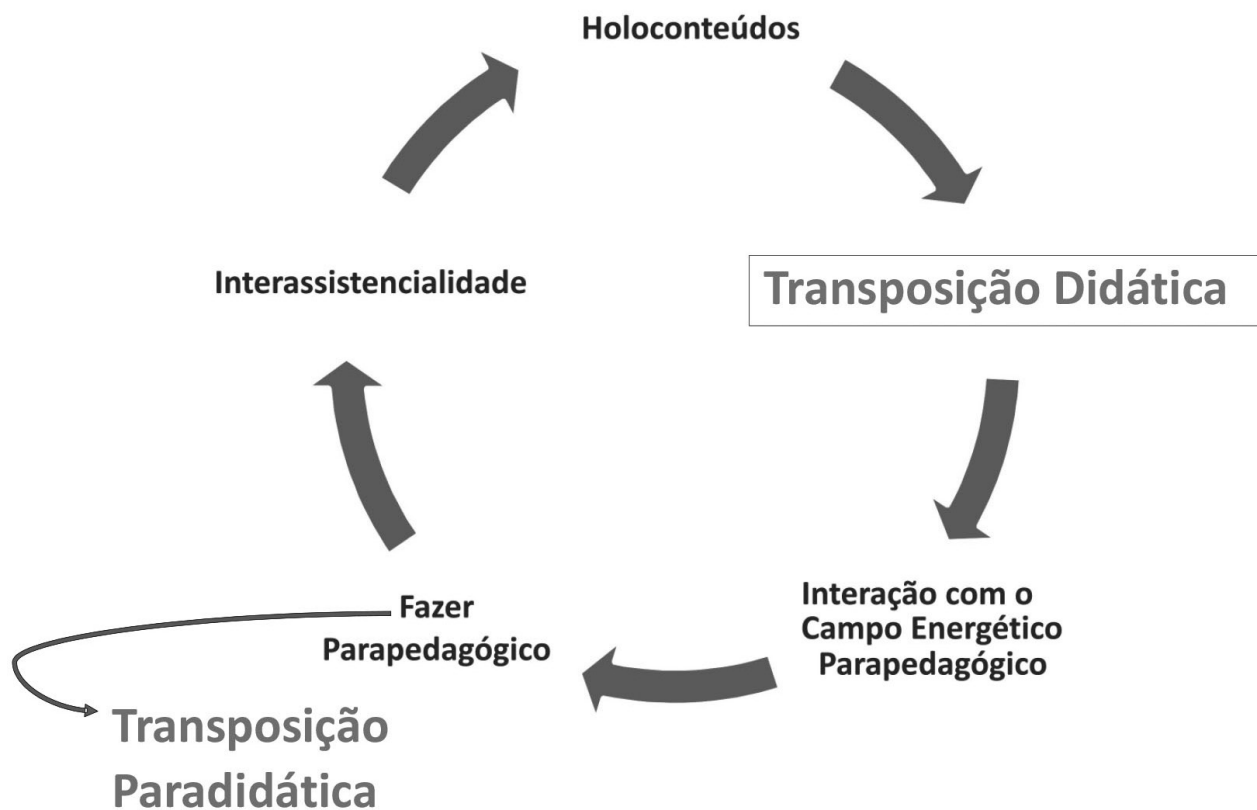
Autopesquisologia. Para compreender melhor este novo nicho epistemológico, vale considerar, sob a ótica da *Parapercepciologia*, 3 fontes básicas do conhecimento humano a partir da Parepistemologia (VIEIRA, 2008, v. Parepistemologia):

1. **Extrafísica:** a captação da ideia original, neoconstructo ou neoverpon da *Central Extrafísica da Verdade* (CEV).
2. **Intraconsciencialidade:** a recuperação de cons (neossinapses) e o acesso aos conhecimentos angariados em retrovidas humanas (ideias inatas).
3. **Interconsciencialidade:** a inspiração, intuição ou assistência de função dos amparadores extrafísicos (Interassistenciologia, Tenepessologia, Ofiexologia).

Fazer parapedagógico. As três categorias acima exemplificam ocorrências parafenomênicas possíveis na etapa do *fazer parapedagógico*, na qual o professor de Conscienciologia atua em conjunto com a equipe extrafísica objetivando interassistencialidade multidimensional durante a aula.

Complexidade. O fazer parapedagógico é a etapa do ciclo de qualificação parapedagógica natural à *transposição paradidática*. Tal condição atribui maior complexidade parepistemológica

ao fenômeno. *Aprendizado: saber ler. Megaprendizado: saber escutar. Superaprendizado: saber paraperceber* (Vieira, 2014).



9. CONCLUSÃO

Saberes. A transposição didática estuda e explicita o fenômeno das transformações dos saberes desde sua produção até serem apreendidos pelos estudantes nos contextos educacionais.

Conscienciologia. Importa aos professores e investigadores da Conscienciologia estarem lúcidos para estas transformações a fim de mitigarem os efeitos indesejados ou disfuncionais destas transformações.

Início. Sugere-se ao professor interessado iniciar suas reflexões sobre a *transposição didática* e *paradiidática* no contexto das aulas ministradas por si, respondendo a duas perguntas pertinentes:

1. **Essenciologia.** Qual a qualidade e aprofundamento da compreensão dos conteúdos essenciais de Conscienciologia por mim?
2. **Modificação.** Qual o percentual de modificação ou alterações destes conceitos no dia-a-dia docente? Alta, média ou baixa? Funcional ou disfuncional quanto ao saber apreendido pelos alunos das aulas que ministro?

Qualificação. O reconhecimento das transformações adaptativas dos saberes no contexto da Conscienciologia, assim como a realidade da *parapedagogia de base* e da *alfabetização conscienciológica* como fatores intervenientes nestas transformações, abre novas reflexões a favor das qualificações dos professores de Conscienciologia, aos quais este artigo está direcionado. *Quem quer, melhora.*

10. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

01. **ALVES FILHO**, Jose de Pinho. *Atividades Experimentais: do Método à Prática Construtivista*. Tese de doutorado. Florianópolis, Brasil: disponível em moodle.stoa.usp.br/mod/resource/view.php?id=40944, 2000.
02. **AUSUBEL**, D.P. The psychology of meaningful verbal learning. New York, 1963.
03. **BUENO**, Ruy; *Fatores Influenciadores da Autocientificidade na Tenepes*; VI Forum da Tenepes & III Encontro Internacional de Tenepessistas; artigo; Conscientia; revista; trimestral; Vol. 14; N. 2; Foz do Iguaçu, PR; Abril-Junho, 2010; página 279.
04. **CHEVALLARD**, Yves. *La Transposición Didáctica: Du Savoir Savant Au Savoir Enseigné*. Paris, França. Pensee Sauvage, 2005.
05. **GAUTHIER**, Clermont. *Ensino explícito e desempenho dos alunos: a gestão dos aprendizados*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
06. **KLEIN**, William. *Aspectos da Pré-aula de Conscienciologia*. Revista Conscientia, 14(4): 480-487, out./dez., 2010.
07. **MOTA**, Tathiana. Contrapontos entre Didática e Paradidática. Conscientia, 14(4): 488-505, 2010.
08. **POURTOIS**, Jean Pierre; **DESMET**, Huguette. *A Educação Pós Moderna*. Loyola, 1999.
09. **REALE**, Miguel. Introdução à Filosofia (Locais do Kindle 843). Editora Saraiva, 2002; Edição do Kindle.
10. **VERRET**, Michel. *Le Temps des Études*. Tese de doutorado. Paris, França: disponível em <http://www.sudoc.fr/000031526>, 1975.
11. **VIEIRA**, Waldo. *Dicionário de Argumentos da Conscienciologia*. Foz do Iguaçu, PR: Editares, 2014 (Verbetes: Abertismologia; Antilinguisticologia; Autoparageometriologia; Excelenciologia; Introspeccologia; Neoperspectivologia; Paracienciologia).
12. _____. *Enciclopédia da Conscienciologia Eletrônica*. 8ª Ed. Digital. Foz do Iguaçu, PR, Associação Internacional Editares; Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC), 2013 (Verbetes: Parepistemologia; Paraevidência; Princípio Coloquial).
13. _____. *Manual dos Megapenses Trivocabulares*. 1ª Ed. Foz do Iguaçu, PR. Associação Internacional Editares, 2009.
14. _____; **PINHEIRO**, Lourdes, organizadora. *Dicionário de Neologismos da Conscienciologia*. 1ª Ed. Foz do Iguaçu, PR. Associação Internacional Editares, 2014.

William Klein, 44 anos (2018). Licenciado em Física, empresário. Voluntário da Conscienciologia desde 1992 e da Reaprendentia desde 2007, professor de Conscienciologia desde setembro de 2000, tenepessista. E-mail: k.william@me.com